

# TEMAS TRANSVERSAIS DE FORMAÇÃO GERAL E REDES SOCIAIS: EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS INOVADORAS NO ENSINO SUPERIOR

Rio de Janeiro 05/2014

Joaquim Humberto Coelho de Oliveira - UNIGRANRIO - jhumberto@uol.com.br

Anna Paula Soares Lemos - UNIGRANRIO

Lucimar Levenhagem - UNIGRANRIO

Tania Amaro - UNIGRANRIO

Maria Rita Braz - UNIGRANRIO

Experiência Inovadora

Educação Superior

Acesso, Equidade e Ética

Inovação e Mudança

Interação e Comunicação em Comunidades de Aprendizagem

Relatório de Estudo Concluído

## RESUMO

*O modelo tradicional e disciplinar de educação oferece um ensino fragmentado e compartimentado, desestimulante para quem aprende e vive com as múltiplas conexões da vida moderna, associada às novas tecnologias de informação e comunicação. Ao mesmo tempo, esse modelo de saber tradicional encontra-se debilitado para reconsiderar de outras formas e prover de novos sentidos essas múltiplas e fragmentadas experiências próprias de uma sociedade cada vez mais dependente dessas novas tecnologias. Nesse sentido, esse artigo relata e analisa práticas educacionais inovadoras atentas a essas considerações. Para tanto, elas inserem transversalmente temáticas de formação geral, com conteúdos e valores próprios da cultura dos direitos humanos, através da utilização das mídias sociais como ferramentas incentivadoras de metodologias ativas, em conformidade com as modalidades de ensino a distância e com as suas novas competências e habilidades requeridas pelos atores participantes do processo de ensino-aprendizagem.*

### Palavras chave

**Temas Transversais; Formação Geral; Metodologias Ativas.**

## 1 O aprendizado em tempos de reinvenção

A modernidade é mediada pela pressa, há a percepção de um tempo mais congestionado e fragmentado. É preciso, então, “considerar o mundo sob outra ótica, outra lógica, outros meios de conhecimento” (CALVINO, 2005, p.19). Assim, como estimular o interesse e dinamizar o aprendizado de um indivíduo em plena fragmentação?

Segundo Muniz Sodré (2012) o pensamento tradicional atual é aquele em que os grandes filósofos, por exemplo, são redescritos à luz do novo século, dos novos contextos e das novas tecnologias. Mas, ele diz que não se trata só de redescrever, em termos de pensamento, deve-se pensar em termos de ação, instalar os pensamentos críticos e as novas interpretações e doutrinas pedagógicas em um novo tipo de espaço, em um território onde o processo educacional se dá.

[...] lugar é a localização de um corpo ou de um objeto, portanto é espaço ocupado. *Território*, palavra mais moderna, é o lugar ampliado. Assim, hoje dizemos que território é o espaço afetado pela presença humana, portanto, um lugar da ação humana. [...] essa localização não é necessariamente física [...] (SODRÉ, 2012, p. 74)

O *panóptico*, analisado por Foucault (1987), e o modelo do *pregador*, instituído culturalmente pela igreja, formam o modelo da sala de aula tradicional que, hoje, não deveria se aplicar porque com o novo conceito de espaço, a sala de aula não se limita às suas paredes. Sem limites de território, a escola que socializa e capacita pode se constituir em suportes móveis que estão estabelecidos, cada vez mais, em ferramentas da Educação a Distância, facilitando o acesso em fluxo contínuo, aproximando os discursos e estabelecendo pontes de diálogo que antes pareciam impossíveis e distantes. Assim, a EAD se fortalece e afirma que a escola deve ser capaz de se estabelecer em qualquer espaço onde haja a possibilidade de construir o encontro de um mediador, um conteúdo temático e os diversos estímulos à pesquisa, à autoconstrução do conhecimento e ao debate.

Os meios e mediações contemporâneos de comunicação possibilitam este debate que, não sendo mais só um diálogo, é comunicação em rede. Assim,

não é mais possível apenas *redescrever* o processo, utilizando metodologias que foram criadas no ensino presencial, aplicando-a no ensino a distância. É preciso que essas metodologias coexistam e se reinventem mutuamente, já que o estudante deve poder escolher a forma, a mídia, a mediação e a estratégia metodológica que melhor atenda as suas habilidades de construir o próprio conhecimento. Isso porque o processo de vida contemporâneo já se estabelece de forma fragmentada e acelerada. Pensando nisso, é preciso trilhar nos caminhos abertos pela EAD, intensificando-se o desafio para o aluno estudar sozinho, obtendo autonomia no ato de aprender, necessitando, portanto, ter ou desenvolver habilidades para uma aprendizagem mais autônoma. Nesse sentido, a tradicional educação brasileira, ainda não prepara indivíduos para uma graduação à distância.

Na aprendizagem à distância, o educando deve aprender a se envolver mais e a gerir seu aprendizado, além de interagir neste novo ambiente virtual de aprendizagem com os integrantes deste espaço: colegas, tutores, gestores, etc. Cria-se um movimento coletivo e colaborativo *online* suportado pelas tecnologias da informação e comunicação em prol de uma aprendizagem significativa para todos os envolvidos.

O êxito nessa modalidade de educação requer mudanças que retomem discussões e práticas políticas e individuais. Fazem-se necessárias iniciativas públicas que gerem maior inclusão digital, com bom acesso à *Internet*. É preciso incentivar espaços e práticas democráticas de participação e decisão que comunguem com as práticas colaborativas e dialogadas exigidas nos ambientes virtuais. Para a plena convivência nessas dinâmicas ativas, colaborativas e participativas, o cidadão e aluno virtual precisam ser estimulados a escrever, argumentar e interpretar. No caso das práticas analisadas neste artigo, a *timeline* das atividades propostas no *Facebook* pelo INOVA/UNIGRANRIO caracteriza-se como exemplo de *Fóruns*, onde se expõem ideias em forma de diálogos e trocam-se opiniões e críticas. Assim, mostra-se de fundamental importância aliar a esses espaços virtuais de aprendizagem a transmissão transversal de conteúdos de formação geral que tragam valores e práticas indispensáveis para a convivência pública, tanto em ambientes virtuais quanto em presenciais.

## 2 A transversalização da educação em direitos humanos

Uma das formas de romper com o espaço disciplinar das tradicionais salas de aula é a prática pedagógica de transmissão transversal de conteúdos temáticos. Transversalidade, interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e transdisciplinaridade, fazem parte do conjunto de estratégias pedagógicas contrário ao circuito moderno e pós-moderno de fragmentação, que inclui a do conhecimento. Portanto, “a inserção transversal de conteúdos temáticos vai de encontro ao modelo disciplinar de transmissão do conhecimento”. (ARAÚJO, 2003)

Neste artigo, e na experiência que aqui relatamos e analisamos - que conta com a utilização de instrumentos inovadores para a educação a distância como os *blogs* e redes sociais -, a concepção de transversalidade diz respeito aos aspectos formativos da educação, priorizando temas próprios e capitais da cultura em direitos humanos buscando reforçar os vínculos dos indivíduos com valores da cidadania.

Esses propósitos de viés mais formativo, voltado para as competências comportamentais, e que complementam o conteúdo instrutivo, de teor mais cognitivo, estão presentes em todos os cursos de graduação. Eles são orientados pelos Planos de Desenvolvimento Institucional (PDI) e Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPC), em cumprimento às diretrizes curriculares do Ministério de Educação e Cultura (MEC). A presença desses conteúdos formativos em documentos oficiais demonstra a posição do Estado brasileiro a favor da sua participação nesse processo educacional, não delegando essa responsabilidade somente a setores da sociedade civil, como a família, a religião, etc.(BITTAR, 2013; ADORNO, 2003). E, compreendendo esses valores como próprio da cultura em direitos humanos, que reforçam os vínculos éticos e políticos para a integração de múltiplas diferenças em espaços comuns de convivência, a sociedade demanda ao ensino o compromisso de preparar seus alunos tanto para as relações interpessoais, em respeito às alteridades, como intertemporais, em consideração à sustentabilidade, nas suas mais diversas acepções.

Se, por um lado, a especialização do profissional de ensino continua necessária à função instrucional, por outro, esse mesmo profissional tem que

associar a essa formação elementos provindos da tendência formativa da educação. Como, então, levar para conteúdos disciplinares questões as mais variadas, como as interpessoais, que lidam, por exemplo, com a questão das discriminações étnicas ou de gêneros, ou as intertemporais, que lidam com a questão da preservação das escolhas no tempo, e abrangem temas como uso de drogas, o planejamento financeiro e da carreira, a preservação ambiental? Como transpor as barreiras disciplinares para a promoção da educação em direitos humanos e para atender as demandas legítimas da sociedade? Essas questões se impõem ao modelo de formação dos professores, às suas condições de trabalho, desde a modalidade de carga horária ao espaço físico, e à construção das estruturas curriculares.

Algumas dessas dificuldades, geradas pela disciplinarização do ensino, podem ser transpostas pela transversalidade. Por isso, a transversalidade proposta não implica apenas em adotar um tema como método para reforçar um conteúdo disciplinar, mas influenciar nas atitudes comportamentais envolvidas na escolha de valores próprios da cultura dos direitos humanos. Com isso, busca-se também entender como elas se modificam com a chegada das variadas ferramentas de comunicação contemporâneas, e como as redes sociais e as metodologias ativas fazem parte deste novo olhar da educação, que tem, no espaço do Ensino a Distância, práticas pedagógicas inovadoras como as que mostraremos no estudo de caso a seguir.

### **3 As redes sociais e as metodologias ativas.**

Buscando complementar de forma transversal a educação instrutiva com a formativa, a UNIGRANRIO (1), através do seu Núcleo Inovador – INOVA, instituiu um programa de formação geral, através da constante execução de inovações metodológicas na educação em direitos humanos.

Como tal educação tem como principal meta a sensibilização, isto implica a experimentação de novas práticas pedagógicas, que toquem o educando em suas várias dimensões sensoriais: a do ver e do ouvir, com a inserção de material audiovisual na abordagem das diversas questões; a do fazer, com práticas colaborativas de criação, através das mídias sociais; do sentir, através

de sugestão de temáticas que envolvam relações de experiências tanto nos níveis interpessoais quanto intertemporais. (BITTAR, 2013; HUNT, 2010)

### 3.1. Transmissão transversal de conteúdos formativos – estudos de caso

No segundo semestre de 2013, o tema da sustentabilidade, em dimensão intertemporal, foi trabalhado de maneira transversal dentro dos projetos “Formação Geral” e “Trabalho Acadêmico Integrador”, coordenados pelo grupo INOVA/UNIGRANRIO.

Implantar um programa único de caráter transversal, que pudesse ser explorado em qualquer disciplina de qualquer área, teve apoio em Morin (2000), que é contrário ao ensino por disciplina, fragmentado e dividido, pois segundo ele, isso impede a capacidade mental natural que o espírito tem de contextualizar: a de ligar as partes ao todo e o todo às partes. De acordo com Morin (2000), o contexto tem necessidade, ele mesmo, de seu próprio contexto. E, o conhecimento, atualmente, deve se referir ao global.

Dentro do contexto da globalização, principalmente na sua vertente de impulso mundial ao consumo, a escolha do tema sobre sustentabilidade tem o intuito de estimular o raciocínio prospectivo, projetando no tempo futuro uma escolha presente.

Desenvolve-se, portanto, a compreensão de que o conceito de sustentabilidade envolve relações intertemporais, através da seleção e indicação de material didático disponibilizado no “Blog de Formação Geral” (2014) e nos “Cadernos Pedagógicos do Trabalho Acadêmico Integrador”, autoinstrutivos e acessíveis no Portal da Unigranrio (2014). Após essa fase cognitiva, foram desenvolvidas e estimuladas metodologias ativas, tanto em salas de aula, quanto nas redes sociais.

#### 3.1.1 O pôster sobre a sustentabilidade intertemporal no cotidiano

Em sala de aula, uma produção que chamou a atenção, envolveu um grupo de alunas do curso de Enfermagem, responsável por apresentar um painel com o tema da sustentabilidade. O contato dos docentes do INOVA com o grupo revelou uma dificuldade da compreensão conceitual do tema proposto. Mas, aos poucos, o grupo percebeu a interação da temporalidade abstrata inerente

ao conceito de sustentabilidade com as suas vivências, e isso aumentava o envolvimento com o tema. O trabalho resultou da apropriação do conceito de sustentabilidade pelos seus tempos vividos na dimensão dos seus cotidianos.

Percebe-se, então, a crítica de um cotidiano aprisionado numa ordem temporal imposta, que dificulta a administração sustentável do próprio tempo. Portanto, a vivência cotidiana, mesmo que em um nível pré-conceitual, possibilita a participação crítica na compreensão do conceito.

Uma filosofia banal começa a se instalar no espírito das pessoas com a descoberta, autorizada pelo cotidiano, da não autonomia das ações e dos seus resultados. (SANTOS, 20011, p.116)

Destaca-se o encontro da pedagogia formal com a da existência cotidiana que reage às ordens hegemônicas e buscam organizá-la. As alunas refletiram e aprenderam com o cotidiano que a sustentabilidade está associada a uma apropriação e divisão social desigual do tempo. Consciente dessa diferença é possível encaminhar soluções que teste o quanto de individualismo cabe para os casos que envolvem o tema da sustentabilidade, de maneira que:

De um ponto de vista das ideias, a questão central reside no encontro do caminho que vai do imediatismo às visões finalísticas; e de um ponto de vista da ação, o problema é ultrapassar as soluções imediatistas [...] é fundamental viver a própria existência como algo unitário e verdadeiro, mas também como um paradoxo: obedecer para subsistir e resistir para poder pensar o futuro. Então, a existência é produtora de sua própria pedagogia. (SANTOS, 2011, p.116)

### 3.1.2 O *facebook* e os *haicais* sobre sustentabilidade.

Para estimular uma aprendizagem híbrida e personalizada, optou-se pelo *blended learning*, mesclando conteúdos digitais à distância, ferramentas *online*, atividades assíncronas e síncronas e alguns encontros presenciais com seminários temáticos. Através desses recursos, desenvolve-se um modelo andragógico, centrado no aluno e foco no progresso da sua capacidade crítica, inserindo fatos vividos e experimentados na sua formação acadêmica integral.

A tecnologia, aliada a essa fusão de oportunidades de aprendizado, gera uma gama de novas atitudes, pois pelo ensino híbrido reforça-se o pensamento crítico e o trabalho em equipe (HORN, 2014). Sabe-se que alunos do século XXI possuem familiaridade com as tecnologias digitais móveis e que, quando se trata de atividades acadêmicas, eles preferem as que fomentem a

interatividade e estejam disponíveis por onde eles transitam *online*. Então, que seja uma educação em rede e na rede, com uso de *applets* baixados para *smartphones* e outras facilidades da sociedade do conhecimento, respeitando os diferentes níveis de letramento digital.

Afinados com os “Princípios do Conectivismo” (SIEMENS, 2005), foram utilizadas ferramentas interativas e multimídias para difundir os conteúdos organizados pela temática nuclear. Assim, o aluno participa das atividades colaborativas a partir de seu perfil no *facebook* utilizado como plataforma de suporte a aprendizagem. O *facebook* vem ampliando relevantemente a comunicação entre usuário e rede e disponibilizando inúmeros recursos que podem ser aplicados à educação. Os alunos, nesse caso, podem acessar e aprender de qualquer lugar e dispositivo, utilizando a rede de relacionamento como uma grande sala de aula sem paredes.

Nessa sala de aula virtual, no formato de plataforma do *facebook*, os alunos praticaram a compreensão e interpretação de textos, com a criação (2) de seus próprios *haicais*. Eles versam sobre o tema “Sustentabilidade” e integram o livro de coletâneas de *Haicais* produzido coletivamente. (LEMOS, 2013a)

### 3.1.3 Nós *In vídeo*: um minuto sustentável.

Outra mediação da aprendizagem de forma transversal, a partir do tema “Sustentabilidade”, foram os vídeos com duração de 1 minuto, gravados pelos alunos em seu entorno com diferentes dispositivos móveis. Essa proposta foi fundamentada no formato do “Festival Mundial do Minuto Brasil”.

O intuito foi construir conteúdo de forma colaborativa e compartilhá-lo usando as redes sociais, *facebook*, *youtube* e o *twitter*, como condutores desse processo de aprendizagem. Pois segundo Bittencourt (2012)

Cada vez mais as redes sociais evidenciam-se no cotidiano de adolescentes, jovens e adultos, especialmente com a popularização de diversas mídias onde esses podem utilizá-las em vários contextos, como entretenimento, comunicação, pesquisas escolares, contatos com amigos e obtenção das mais diversas informações.

Integrar redes sociais não se limitou a fazer e postar fotos e vídeos. As ações foram complementadas com o compartilhamento de *playlists* dos vídeos temáticos e perguntas, desafios, comentários dos mediadores e dos próprios alunos nos grupos privados. O objetivo era criar rede de conhecimentos,

compartilhar saberes diversos, gerar aprendizagem significativa, visando à mudança dos paradigmas educacionais. Observando essa tendência, também foi criado um livro colaborativo pelos próprios alunos sobre receitas sustentáveis. (LEMOS, 2013b)

#### 4. Conclusão

A cidadania requer um aluno mais ativo no processo de aprendizagem e que se torne sustentável e crítico frente às situações da vida. Que saiba ser, fazer e agir; atitudes que o farão saber aprender competências que o ajudarão na sua formação integral. É preciso avaliar a universidade do presente, com vistas para o futuro e foco na relevância das modificações pretendidas. Por isso, as redes sociais, que fazem parte do cotidiano das pessoas, devem ser customizadas com uma nova roupagem e aplicabilidade acadêmica, visando à aplicação de metodologias ativas.

O artigo priorizou práticas pedagógicas transversais de formação geral e a utilização do *Facebook* como plataforma de ensino e aprendizagem. Chegou-se à conclusão que as redes sociais podem ser aliadas no *design thinking* da construção de conhecimento e práxis educativa.

#### Notas:

(1) Instituição privada de ensino superior, com mais de 40 cursos de graduação e graduação tecnológica, em 12 unidades no estado do Rio de Janeiro, além de cursos de pós-graduação *lato e stricto sensu*. (2) O haicai é um poema japonês [...] em três linhas [...] no formato de 5-7-5 sílabas sonoras, ou seja, 17 sílabas poéticas. [...] Não se rima [...] só se utilizam palavras simples do dia a dia. Deve-se fugir das metáforas. O haicai “fotografa” [...] o que se vê e sente. [...] ele nos convida a descrever a vida diária de forma simples, mas com riqueza de sentimentos. (LEMOS, 2013a; p.10).

#### BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, T. W. Educação e emancipação. 3ª ed. SP: Paz e Terra, 2003.
- ARAÚJO, U. F. de. Temas transversais e a estratégia de projetos. SP: Moderna, 2003.
- BITAR, E.C.B. Educação e metodologia para os direitos humanos: cultura democrática, autonomia e ensino jurídico. In: DIAS, A. A. et al. Educação em Direitos Humanos: fundamentos teórico-metodológicos. In: [http://www.redhbrasil.net/educacao\\_em\\_direitos\\_humanos.php](http://www.redhbrasil.net/educacao_em_direitos_humanos.php) Acesso: 14 set. 2013.
- BITTENCOURT, R. B. Novas tecnologias, novas educações. Revista Contexto Educação, Petrolina;PE, p. 110-112, 2012.

BLOG NFG. Em: <<http://blogs.unigranrio.com.br/formacaogeral/>>. Acesso: 29 mar.2014.

CALVINO, Í. Seis propostas para o próximo milênio. SP: Cia das Letras, 2005. 5ª edição.

FOUCAULT, M. Vigiar e punir. Petrópolis: Vozes, 1987.

HORN, M. **Ensino híbrido é o único jeito de transformar a educação**. In: <<http://porvir.org/porpensar/ensino-hibrido-e-unico-jeito-de-transformar-educacao/20140220>>. Acesso: 13 abr. 2014

HUNT, L. La invención de los derechos humanos. Buenos Aires: Tusquets Editores, 2010.

LEMOS, Anna Paula et all.(org.) Cadernos Pedagógicos de Formação Geral. Sustentabilidade:Haicais e Haigas (2013/2). Inova/TAI/UNIGRANRIO. In: <<http://twixar.me/mGn>>. Acesso: 14 set. 2013 (a)

\_\_\_\_\_. Cadernos Pedagógicos de Formação Geral. Sustentabilidade: Álbum Fatos e Fotos.(2013/2).Inova/TAI/UNIGRANRIO. In: <<http://twixar.me/1Gn>> Acesso: 14 set. 2013 (c)

\_\_\_\_\_. Sustentabilidade: Álbum Fatos e Fotos. Exposição virtual (2013/2).Inova/TAI/UNIGRANRIO. In: <<http://twixar.me/0Gn>>. Acesso: 14 set. 2013 (d)

MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 2ª ed. SP: Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, 2000.

SANTOS, M. Por uma outra globalização. RJ: Record, 2011.

Siemens, G. Connectivism: A learning theory for the digital age, Intern. Journal of Instructional Technology and Distance Learning 2 (10), 2005.

SODRÉ, M. Reinventando a educação. Diversidade, descolonização e redes. RJ: Editora Vozes, 2012.

INOVA (fan page). Sustentabilidade. Trabalho de Formação Geral apresentado no Curso de Enfermagem. In: <<http://goo.gl/JPZ3tz>>. Acesso: 29 mar.2014. PORTAL UNIGRANRIO. Em: <<http://www.unigranrio.com.br/default.aspx#>>. Acesso: 29 mar.2014.